

ARMINDO BIÃO

por Lia Monteiro¹

“O amor é uma pérola rara”

Nós

Bahia:

balagandans.

pérolas pó pirilampos

É assim que me lembro de Bião todos os dias, em todas as ruas e travessas da Bahia. Como naquela carta de 1972, escrita em uma folha quase A3 de papel de seda verde com desenhos eróticos do Edinizio. Mas também com um soluço ainda atravessado na garganta. Que não passa quando chego ao Porto da Barra, e ainda procuro a cabeça grisalha dentro do mar – me esperando para contar e escutar novidades e coisas antigas, que não tivemos tempo de contar antes, entre os encontros pelo mundo. Conheci Bião quase menina ainda, colega de Dulcinha, cujo rosto brilhava quando dizia “meu irmão”. E passou a ser meu também, desde a casa de Roma, passando pelos inúmeros endereços, do apê das begônias na Ladeira da Barra, Vila Matos, Paris, onde me entrevistou para a tese de doutorado, Berlim, onde me visitou com Mario Gadelha e comemos aspargos frescos – os doutorados saíram quase ao mesmo tempo. Mesmo por lá fomos, mais tarde, irmãos de profissão, ele na Sorbonne e eu na Universidade de Berlim. E no Porto da Barra, ou a caminho dele, trocávamos impressões, conselhos, carinho e experiências. Também por ele voltei para Salvador, pois ele mesmo dizia na naquela carta:

Meu Deus, estas partes minhas que me deixam: ”a poeira da saudade espalhando a cabeleira”.

O último passeio que fizemos juntos foi ao Salvador Shopping, lançamento do livro “Domingo na Praça: História e Histórias de Lia”, da amiga e vizinha Neide Cortizo, um passeio engarrafado na ida e apressado na volta, pois ele já não se sentia bem. Depois foi o caos da doença que não deixa inteiro nenhum dia-a-dia.

Mas ele está em cada dia de sol e praia que me são presenteados, ou mesmo de chuva e lama, nesta cidade abençoada e maltratada. Por ora, aqui e agora.

Geografia. Brasil. Alemanha.

Oquesofia. Vida. Morte.

Até que a sorte nos junte outra vez. Na mais alta montanha da saudade te espero com toda a paciência.

No final da carta, o *Bença-te Deus!* que se transformou, quarenta e tantos anos depois, em *Oremos!* E uma declaração do amor ao qual sempre e incondicionalmente retribuí.

Salvador, 2 de outubro de 2013

¹ Ou Maria José Pereira Monteiro, ou ainda Maria Monteiro, dependendo de onde se procura. Já escreveu ficção, mas se especializou em didática do alemão como língua estrangeira. Atua ainda na UFRJ.